

**VIRAR AS ARMAS PARA DENTRO**

**A RESPOSTA RODESIANA**  
**AO INTERNACIONALISMO**  
**DA R.P.M.**

- ★ **Porque criou o regime racista os grupos contra-revolucionários**
- ★ **Após a morte da Rodésia: A busca de uma alternativa**

Confrontado com o desenvolvimento e avanço da Luta Armada no interior do seu país, o regime ilegal rodésiano decide criar os grupos contra-revolucionários que actuarão em Moçambique. Com esta iniciativa Ian Smith esperava transferir para Moçambique as contradições criadas pelo seu regime e internacionalizar o conflito.

Neste artigo são divulgados novos factos sobre a criação destes grupos e a fase desesperada que vivem após a proclamação da Independência da República do Zimbabwe e o desencadeamento da ofensiva político-militar das FPLM.

Numa casa situada no bairro de Avondale em Salisbúria tiveram lugar nos primeiros dias de Fevereiro deste ano algumas reuniões entre elementos do «Special Branch» rodésiano e Orlando Cristina um cidadão português e um dos chefes da chamada Resistência de Moçambique. Inicialmente, Cristina tinha tentado encontrar-se com os referidos elementos no quartel general do «Special Branch» situado na 3rd Street de Salisbúria.

A chamada «seção portuguesa» da inteligência rodésiana expôs então a Cristina as dificuldades que estavam a encontrar para manterem a «Voz da Quinzumba» e o apoio logístico às acções armadas que vinham fazendo no interior de Moçambique.

Estas informações, reveladas por um elemento da agência rodésiana responsável pela manutenção da «resistência», foram feitas recentemente em Salisbúria. «Na altura», segundo a fonte, «havia fortes pressões dos ingleses, com informações muito concretas, de que devíamos cessar o apoio ao MNR».

A partir de então, o Cristina, que fazia a ligação entre o «Special Branch» e a organização mercenária, iniciou contactos com elementos da Embaixada sul-africana em Salisbúria a fim de saber que tipo de apoio poderia vir a receber. Segundo a nossa fonte, Cristina argumentou junto da Embaixada sul-africana que no ano passado havia colaborado para a criação de um comando operacional de intervenção em Moçambique.

Com efeito, dois campos de treino, com cerca de 200 homens cada, tinham funcionado desde Fevereiro de 79 sob a égide de uma operação conjunta rodésiano-sul-africana, a executar por altura da celebração do aniversário da nossa Independência no ano passado.

Os grupos recebiam treino em duas farmas situadas respectivamente na África do Sul e Rodésia. Os instrutores eram dois comandos especiais que no Malawi tinham preparado algumas companhias de para-quadristas, conforme revelou a revista «Armas» editada em Londres em Dezembro de 1979. O Cristina e um ex-oficial português dos «Comandos» eram os elementos de ligação, para recrutamento e informações de carácter militar.

Segundo apurámos, nos contactos que manteve este ano com a Embaixada sul-africana em Salisbúria, Cristina não recebeu apoio formal. Contudo, deram-lhe indicações sobre contactos a estabelecer «com certas forças sul-africanas interessadas em substituir o regime rodésiano neste assunto», afinnou a mesma fonte do «Special Branch».

Desde então, fazendo face à crise agravada pela perda dos seus patrões, os homens da «Voz da Quinzumba»

aproveitam as suas últimas emissões radiofónicas na Rodésia para fecharem importantes circuitos de informação. Insistentemente, a chamada «África Livre» anuncia que «todas as caixas postais deixam de ter efeitos (...) «... devem aguardar até que novas direcções sejam indicadas».

As mensagens para os mercenários infiltrados em Moçambique, segue-se toda uma operação, que não passou despercebida nos meios de informação em Salisbúria. Primeiro fecham-se os campos de treino em Bindura e na zona sul de Umtali. Nesta última cidade, os chefes deixaram de ir ao quartel general, retirando-se para Salisbúria.

Tomados pelo pânico, os «homens grandes da África Livre» começaram a abandonar a Rodésia ainda antes das eleições terem tido lugar. Do Hotel Embaixador em Salisbúria alguns deles partem para a África do Sul juntamente com mercenários dos «Selous Scouts e «auxiliares» de Muzorewa. Outros dirigem-se para o Malawi.

Ron Reid Daily, o ex- chefe dos Selous Scouts que antes das eleições em Salisbúria fez o recrutamento de unidades inteiras dos Selous Scouts para o exército sul-africano, prometeu angariar novo patrono para a «África Livre». E, efectivamente, ele sugere que «nem todos abandonem a Rodésia», indicando que os «soldados se deviam deslocar para as zonas compreendidas entre Melsetter e Chipingao.

#### PRECEDENTES

Pouco após a proclamação da Independência em Moçambique, Domingos Arouca um antigo latifundiário de Inhambane que abandonara Moçambique no Governo de Transição, teve um encontro com Jorge Jardim num Hotel em Londres. Ali, foi discutida a formação de um grupo que fizesse frente à consolidação de um Governo da FRELIMO em Moçambique e à instalação do Poder Popular.

Jorge Jardim, cujas ligações com a «Internacional Fascista» são estreitas, promete a Arouca o apoio desta organização. Ele prontifica-se também a fornecer meios para o recrutamento de algumas centenas de antigos Ge, Gep, Flechas e Comandos, então a viver na África do Sul, Rodésia, Malawi e Portugal.

Cristina, secretário particular de Jardim quando este vivia em Moçambique, e executor dos seus crimes, foi indicado como o elemento a contactar no Malawi.

Com efeito, este «braço direito» de Jardim tinha em seu poder todo o arquivo dos «Ge». Numa operação que efectuou na Beira pouco antes da assina-

tura dos Acordos de Lusaka, ele tinha-se introduzido no ex-consulado do Malawi naquela cidade, de onde levou todo o arquivo referente ao recrutamento e informações das operações efectuadas pelos «Ge» durante o tempo colonial.

Fracassada a tentativa de golpe do 7 de Setembro, os grupos ligados a Jardim são neutralizados em Moçambique. Arouca que não se tinha envolvido directamente no golpe, decide partir para Lisboa por outras razões: ele pretendia ter sido nomeado pela FRELIMO para o cargo de Primeiro-Ministro no Governo de Transição.

Face à óbvia impossibilidade de ocupar este cargo e na perspectiva de não angariar apoio para desalojar os camponeses que lhe haviam ocupado as suas terras com coqueiros em Inhambane, Arouca chega a Lisboa e começa imediatamente uma campanha de descre-



Orlando Cristina, braço direito de Jorge Jardim. Notabilizou-se pela sua participação nos crimes de guerra do exército colonial português em Moçambique

dito contra a FRELIMO. É então, que inicia os seus contactos com Jardim, gente ligada a Spínola e, mais tarde, com agentes do «Special Branch» rodésiano e malawiano em Lisboa, Paris e Londres.

Na reunião que tem em Londres com Jardim, já após a proclamação da Independência em Moçambique, ele ganha o apoio dos círculos mais reaccionários do imperialismo: a «Internacional Fascista», o regime racista rodésiano, certas aberturas do Malawi e apoio indirecto da África do Sul.

As nacionalizações que têm lugar em Moçambique um mês após o 25 de

Junho de 1975 são igualmente um produtor de novos «aroucas». A burguesia interna moçambicana com aspirações a substituir-se ao colonialismo sente-se ameaçada, isolada e sem bases económicas para consolidar as suas aspirações.

A partida para Lisboa, Rodésia e África do Sul de algumas centenas de retornados, alguns dos quais subjectivamente identificados com a burguesia interna moçambicana, é igualmente um novo campo de recrutamento, para o grupo. Apesar de tudo a acção deste grupelho político é limitada, circunscrita a uns quantos folhetos insultuosos editados em Portugal e África do Sul.

De facto, só a criação de toda uma nova dinâmica à Luta de Libertação na África Austral, provocada pelas independências de Moçambique e Angola, vem criar uma função executiva para todo este movimento.

### COMO SE CRIOU

Segundo revelou em Salisbúria um alto funcionário do «Special Branch» rodesiano o «Movimento Nacional de Resistência é uma criação da nossa inteira responsabilidade». Este funcionário, daqueles serviços secretos que nos pediu para manter o anonimato, afirmou que a resistência foi a nossa resposta ao apoio que Moçambique decidiu dar militarmente à Frente Patriótica do Zimbábue.

Foi a reabertura da Frente Nordeste (a partir de Tete) e a abertura das frentes de Luta Armada de Manica e Gaza, em princípios de 1976, em Zimbábue, que de facto provocou esta resposta do regime rodesiano.

De acordo com a nossa fonte, Arouca e Cristina foram contactados «em fins de 75 por alguns dos nossos homens». O Cristina veio então para a Rodésia a fim de contactar os antigos Gc, Gep, Comandos e Flechas, «fornecendo-nos todas as fichas do exército do Jardim».

Em Bindura, uma cidade a norte de Salisbúria, foi aberto um centro militar para receber e treinar os antigos soldados do exército privado de Jardim, com o apoio de antigos Pides, que entretanto tinham iniciado trabalho no «Special Branch». Ali foram recebidos também «alguns grupos vindos do Malawi».

Nesta altura foi igualmente criada nos serviços de inteligência rodesianos uma nova secção: «a secção portuguesa», ligada aos serviços de operações externas.

Segundo a fonte que fez estas revelações o «Special Branch» impôs que Jardim não estivesse directamente envolvido «nesta operação, dado existirem algumas contradições entre esta personagem e o regime rodesiano». As contradições, referem-se ao período de 1966 em que Jardim se aproveitou da

declaração das sanções pela Inglaterra para levar a efeito um chorudo negócio de transporte de gasolina para a Rodésia através da companhia SONAP, uma vez que conseguira impor o fecho do pipe-line Beira-Umtali.

Jardim, por imposição do «Special Branch», ficaria com a missão de cobrir os apoios do Malawi. Cristina seria o elemento de ligação entre o Malawi e a Rodésia e Arouca, coordenaria a acção de propaganda política com os retornados moçambicanos em Lisboa e África do Sul.

Quando tem lugar o fecho de fronteiras entre Moçambique e a Rodésia, por decisão do Governo moçambicano em 3 de Março de 1976, já o primeiro grupo estava preparado para iniciar acções. Chefiava o grupo um elemento das EPLM na Beira, expulso por corrupção e roubo, de nome André, o qual havia participado na Luta Armada em Moçambique, na província de Sofala.

A estratégia para as acções armadas da «Resistência» é definida pelo «Special Branch» rodesiano: «fazer a guerra dos abastecimentos», assim o definiu o alto funcionário do «Special Branch» que nos fez estas revelações.

André e o seu grupo deveriam valer-se dos conhecimentos que tinham adquirido durante a guerra colonial em Moçambique para fazerem as suas operações armadas e de espionagem, ficando garantido que o exército rodesiano daria todo o apoio logístico necessário em termos de comunicações, transporte, comida, etc.

Os locais de atravessar a fronteira foram definidos como os da região de Mucumbura e Magoe para a província de Tete, Hondey Valley de acesso à Catandica e Gorongosa e o vale entre Tsetsera e Chimanimani para acesso às províncias de Manica e de Sofala.

As primeiras operações do «MNR» têm lugar em Abril de 76 em Tete e Manica contra cantinas, Lojas do Povo, centros de saúde e machambas, junto às fronteiras. Com isto, o regime ilegal rodesiano pretendia criar dificuldades no abastecimento às populações dessas zonas. Por outro lado estas acções criavam, segundo eles, o efeito de desacreditar o Governo moçambicano perante os camponeses.

Perante o início das emissões de rádio da «Voz do Zimbábue», a partir de Maputo, o «Special Branch» decide criar a chamada «Voz da África Livre». Os seus centros emissores eram os mesmos da Rodhesian Broadcasting Corporation em Gwelo, Fort Victoria e Umtali.

As primeiras operações armadas do «MNR» criado pelos rodesianos tem um certo efeito em Moçambique. De um lado os camponeses em certas áreas remotas vêm-se forçados a aceitar as

ofertas de sal, milho e sabão vindos da Rodésia. De outro, a burguesia interna moçambicana, frustrada por não se poder substituir aos colonos portugueses, sente que as acções rodesianas podem levar o Governo em Moçambique a fazer-lhe concessões.

As operações de espionagem levadas a cabo por agentes de nacionalidade moçambicana dão também alguns resultados para as agências rodesianas contra a República Popular de Moçambique. Uma série de ataques contra as províncias de Manica e Tete nos primeiros dias de Dezembro de 1976 atingem importantes centros económicos e de abastecimento nestas duas províncias.

Apesar de tudo, e com o desenvolvimento da guerra, as acções da chamada «Resistência» começam a não ter sucesso. Os métodos utilizados, porque vencia deira repetição dos praticados pelos «Gc» durante a guerra colonial em Moçambique, revelam-se um insucesso para o exército rodesiano.

Em Mucumbura onde a população havia sofrido os massacres praticados pelos rodesianos e comandos portugueses em 72 e 73, o apoio à luta de libertação em Zimbábue cresce a ponto de surgirem casos de elementos moçambicanos que se querem juntar aos combatentes das ZANLA. Na zona de Gorongosa os crimes praticados pelos mercenários moçambicanos levam a população a denunciá-los sistematicamente às EPLM, por violação de regras, crimes de civis, tortura.

Caso flagrante da falta de apoio em que decorrem as acções dos grupos rodesianos infiltrados em Moçambique é as circunstâncias que levam em Outubro do ano passado à morte do André. Com efeito, foram os curandeiros da zona de Gorongosa em que ele se apoiava que o instigaram a atacar a Vila de Gorongosa «porque as EPLM não estão lá».

No dia seguinte, quando o grupo desceu a montanha para atacar a Vila de Gorongosa encontrou ali uma poderosa força das EPLM, tanques e outro material de guerra pesado. Ferido gravemente, ele foi retirado nesse mesmo dia pelo exército rodesiano de helicóptero para Umtali, onde morreu.

### LANCASTER HOUSE

Numa recepção oferecida por Lord Carrington à delegação rodesiana presente às conversações de Lancaster House em Londres, no dia 11 de Setembro do ano passado, o Bispo Muzorewa apresentou-se ali com um estranho convidado. O ex-funfundiário Domingos Arouca estava presente como «amigo da Rodésia», «amigo pessoal de Muzorewa», conforme afirmou na ocasião a um jornalista britânico.

Na mesma altura, forças rodesianas, de que faziam parte mercenários moçambicanos, retiravam-se da província

de Gaza em Moçambique, onde sofreram pesadas baixas — as maiores sofridas desde o início das agressões: 15 oficiais brancos dos vários ramos das forças rodesianas.

Para a conferência de Londres sobre o problema rodesiano, o regime ilegal de Salisbúria, em estreita colaboração com o Governo sul-africano (na operação de Gaza foi usado, segundo agora se sabe, um aeroplano, helicópteros e pilotos sul-africanos) tinha programado uma enorme ofensiva militar e diplomática.

O plano tinha por objectivo isolar internacionalmente a Frente Patriótica fazendo-se aceitar o governo de Muzo-



Domingos Arouca, antigo latifundiário em Inhambane, cidadão português da pela praça fugido de Moçambique ao aproximar-se a Independência Nacional

rewa. Ao mesmo tempo esta acção seria complementada com várias agressões contra Moçambique com o intuito de destruir a nossa economia, desgastar militarmente as FPLM e liquidar as ZANLA, principais responsáveis pela Luta Armada em Zimbábue.

A derrota militar do exercito rodesiano em Mavonde na provincia de Manica nos fins de Outubro de 79 faz fracassar completamente o plano inicial. (Hoje em Salisbúria confirma-se a perda de mais de cem homens). Peter Walls, o comandante supremo do exercito do regime rodesiano, parte para Londres onde põe a sua delegação perante a realidade dos factos e determina a assinatura de um acordo conjunto com a Frente Patriótica. A sua chegada à capital britânica afirma categoricamente que «este problema só pode ter uma solução política».

Lancaster House, onde Muzorewa surgiu certo de uma possível vitória diplomática, transformou-se a partir de então num verdadeiro embaixador para os rodesianos. Rapidamente a chefia da delegação é na prática entregue a

Walls, enquanto Muzorewa parte para Salisbúria para iniciar a sua campanha eleitoral, ante o medo e certeza de ter que enfrentar a ZANU e ZAPU na decisão do voto popular.

Com a assinatura do acordo de Londres em 21 de Dezembro de 1979, exactamente sete anos após o primeiro grupo das ZANLA ter feito a sua primeira acção armada a partir das nossas zonas libertadas de Tete em 1972, a criação rodesiana da «resistência» sofre um pesado e irreparável golpe.

Por um lado, os grupos armados infiltrados em Moçambique durante a conferência de Londres com o objectivo de montarem bases, tinham sido neutralizados e repellidos de toda a zona de Gorongosa. Ao mesmo tempo, desenhava-se no seio dos serviços secretos rodesianos toda a incerteza sobre o futuro do regime então encabeçado por Muzorewa.

A partir de Janeiro deste ano o «Special Branch» sofre várias pressões do governo colonial britânico na Rodésia. Lord Soames informa os chefes militar e da inteligência rodesiana que as suas actividades em Moçambique devem terminar porque eram contrárias ao espirito do Acordo de Londres.

Nesta altura, um elemento ligado à estrutura militar britânica estacionada em Umtali, afirmou-nos que «fornece-mos ao Governador indicações concretas de que essa "resistência" não se trata de nenhum movimento autónomo, mas sim uma acção camuflada para as forças de agressão rodesianas. É difícil separar as forças rodesianas desses grupos, pois são a mesma coisa», afirmou-nos o Coronel britânico nos últimos dias de Janeiro deste ano.

Desde praticamente esta altura, que uma casa civil onde se alojavam alguns dos agentes militares moçambicanos do «Special Branch» é evacuada em Umtali. Em Salisbúria, pouco antes das eleições, vários destes indivíduos acomodam-se no Hotel Ambassador desde 10 de Fevereiro. Dai desaparecem «misteriosamente» até ao anúncio dos resultados eleitorais no início do mês de Março. Uns partem com equipamento de rádio para a África do Sul, outros para o Malawi.

A «Voz da Quizumba», muda na mesma altura de casa. Os centros emissores de Fort Victoria, Umtali e Gwelo são evacuados destes elementos e assiste-se temporariamente ao fecho desta emissora, sendo as suas últimas emissões a partir da Rodésia sido caracterizadas pela voz de pânico.

#### ULTIMA FASE

A perspectiva de uma vitória eleitoral da ZANU-FP na Rodésia e a possibilidade da formação de um governo independente decidido por este Partido, coloca as forças mais reaccionárias

rodesianas em situação igualmente desesperada.

Durante todo o mês de Fevereiro os círculos mais extremistas do regime ilegal rodesiano preparam condições para que um golpe de Estado possa ter lugar, caso a vitória do Partido do Presidente Mugabe se confirme. É então que se assiste ao envio de numerosos grupos de Selous Scouts e de muitas centenas de «auxiliares» de Muzorewa para a África do Sul e finalmente, a tentativa de confrontar o General Walls quando este se declara contrário ao apoio a um golpe de Estado.

Neste período, e de uma forma sistematizada, vários grupos armados compostos essencialmente por moçambicanos começam a dirigir de Hondey Valley, Bindura, Salisbúria e zona de Buhera para a região compreendida entre Melssetter e Chipinga. O mesmo acontece com os grupos infiltrados em Moçambique que se dirigem para as montanhas de Espungabera.

A zona das farmas rodesianas do café começou então a constituir o último reduto para o apoio que elementos hostis da policia continuaram a dar aos grupos do «MNR». De um lado, em Chipinga e Melssetter alguns policias brancos fornecem cartões de cidadania aos contra-revolucionários moçambicanos e de outro, certos fazendeiros oferecem-lhes empregos com salários mínimos de 14 dólares nas suas farmas de café.

É nessas farmas que se concentram os últimos grupos de moçambicanos, estimados, segundo alguns jornalistas occidentais, em cerca de quatrocentos homens.

Em fins de Fevereiro, quando Ron Reid Daily (ex-chefe dos Selous Scouts presentemente a viver em Joanesburgo) visita Salisbúria para recrutar algumas unidades do seu ex-grupo a fim de actuarem na Namibia, ele envia um dos seus colaboradores a Chipinga acompanhado por Cristina. É então que é definido o apoio que em breve seria recebido de certas forças sul-africanas.

É neste período que se constrói em Espungabera o acampamento de Sitatonga II. A partir de duas farmas da zona de Chipinga este acampamento é abastecido com alimentação, armas e outro material de guerra por dois aviões e um helicóptero, também provenientes da África do Sul, a partir dos primeiros dias de Março deste ano.

Portugueses, rodesianos e sul-africanos, que durante a guerra rodesiana a Moçambique tinham participado em diversas agressões visitam com frequência, a partir das pistas de aviação das farmas de Chipinga o acampamento de Sitatonga II. Dali, são programadas as primeiras acções armadas que têm lugar a partir de Abril contra meios de comunicação e transporte, uma central eléc-

trica e alvos civis. Algumas dezenas de jovens camponeses são igualmente conduzidos pela força para Melsetter e Chipinga onde recebem imediatamente emprego nas farmas de café e cartão de cidadania. O último destes grupos chega a Melsetter a meio do mês de Junho em plena operação de cerco das FPLM a Sitatonga II.

Do lado zimbabweano e de acordo com afirmações que nos fizeram certos oficiais do Governo, esta situação começa a ser agora clarificada e medidas a serem tomadas. Para o efeito, o Governo zimbabweano fez deslocar para a região triangular compreendida entre a zona central do distrito de Buhera, Chipinga e Melsetter algumas unidades compostas por ex-soldados das ZANLA e Rhodesian Light Infantry.

Desta forma, as operações de cerco e aniquilamento organizadas pelas FPLM do lado moçambicano serão complementadas por operações de controlo e neutralização do lado zimbabweano contra os bandidos», conforme nos disse o Ministro de Estado na Presidência de Zimbabwe sobre o assunto. Ele afirmou que o seu Governo tomava estas medidas não somente como um apoio unilateral a Moçambique, mas como forma de neutralizar desde já qualquer acção externa que tenha por objectivo criar grupos idênticos para actuação dentro do nosso país. Estou certo — disse a terminar — que o perigo não vem do Zimbabwe, mas sim do Sul.



Jorge Jardim ladeado por duas «misses». Para além de outros propósitos mais pessoais e igualmente inconfessáveis, os concursos de «misses» serviam de cobertura para as manobras políticas e financeiras deste conhecido agente de Salazar e Caetano